



PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

“Não hei de pedir pedindo, senão protestando e argumentando, pois esta é a licença e liberdade que tem quem não pede favor, senão justiça.”

A frase lapidar do grande Padre Antônio Vieira, eternizada em bronze numa parede, foi uma das primeiras coisas que me chamaram a atenção ao adentrar na vetusta Faculdade de Direito de Sorocaba para fazer o vestibular naquele janeiro de 1985 – além, é claro da beleza clássica do prédio e da limpeza e organização de todos os ambientes. “Estou no lugar certo”, pensei, ao lado de gente de valoriza a liberdade, a cultura e a altivez. A impressão logo se confirmou com as aulas de Hélio Rosa Baldy, diretor e professor, de quem a frase de Vieira é um retrato sintético.

Hélio Rosa Baldy já era uma lenda para o menino amante da história que cresceu na pequena Piedade ouvindo falar do brilhante filho de um grande prefeito, Laureano da Silveira Baldy, e neto do Coronel João Rosa, o líder político mais importante da história da cidade. Ao conhecê-lo melhor e ser seu aluno, tornei-me um admirador incondicional, verdadeiro fã, embora, tímido e tomado do natural temor reverencial, nunca tenha lhe dito isso pessoalmente.

As aulas de Hélio Rosa Baldy eram brilhantes, empolgantes, cativantes. Ele dominava perfeitamente a arte da oratória, contava histórias inspiradoras, esbanjava cultura geral sem ser pedante e sempre fazia questão de destacar o sagrado mister do advogado. Vibrávamos ao ouvi-lo narrar histórias como a dos advogados que, sob o risco de irem à guilhotina junto com os clientes, compareciam altivamente aos tribunais de exceção da Revolução Francesa para defender perseguidos políticos: “Senhores juízes, trago aqui hoje duas coisas. A primeira é minha cabeça e a segunda, a verdade. Poderão dispor da primeira, mas só depois de ouvirem a segunda”, recitava Baldy citando Malesherbes. Ou sobre a vida de Rubino de Oliveira, homem negro, de origem humilde, ex-tropeiro, que, no final do século XIX, conseguiu ingressar, formar-se e se tornar professor na gloriosa Faculdade de Direito do Largo São Francisco – “eis como se fazem grandes os pequenos”, dizia a placa colocada sob busto em bronze de Rubino de Oliveira que ficava na sede do nosso Centro Acadêmico, cujo nome o homenageia. Ou dos estudantes da São Francisco, dentre os quais estava o jovem Baldy, que afrontaram a ditadura Vargas na “passeata da mordaga” no centro de São Paulo, sendo reprimidos a tiros pelos esbirros do ditador.

Chegando a época da formatura, lá estava Baldy ensaiando a cerimônia com os alunos, coordenando a eleição do orador da turma, exigindo a pronúncia perfeita do juramento em latim, e depois, de borla e capelo, presidindo a cerimônia, conferindo o grau aos bacharéis e brindando um a um com seu sorriso aberto e o efusivo cumprimento.

Após assumir a enorme responsabilidade – para não dizer ousadia – de me tornar professor justamente de uma das matérias que ele lecionava na FADI (Teoria Geral do Estado), sempre fiz questão, logo na primeira aula, de apresentar Hélio Rosa Baldy aos alunos do primeiro ano como o exemplo por excelência de profissional, educador, político e cidadão a ser por eles seguido.

Toda essa introdução é para dar a ideia da honra e da alegria que sinto ao prefaciar a segunda edição deste *Em torno da Justiça e da História*, uma coletânea de discursos proferidos por Hélio Rosa Baldy ao longo de sua profícua carreira de advogado, político e educador. São joias da oratória, sempre em estilo vivo, vibrante, eloquente, culto e interessante, verdadeiras aulas magnas de Direito e de História.

Hélio Rosa Baldy nasceu na pequena Piedade em 18 de março de 1922. Como narra a jornalista e advogada Priscila Pellini,

“Hélio Rosa Baldy veio para Sorocaba com apenas 12 anos de idade. Em Piedade, onde nascera e morava com os pais, Laureano e Maria Rosa, não havia como prosseguir nos estudos. O pai, um homem culto e autodidata, bastante enérgico, decidiu enviar o menino à casa dos padrinhos, Chuerubim Rosa (Benzico) e Isabel Rolim Rosa (Dona Loló), para que estudasse.

Mesmo a vinda para Sorocaba a fim de garantir o prosseguimento dos estudos exigiu empenho do jovem estudante para que o feito vingasse. O prédio utilizado pelos estudantes era o que abriga o Clube Estrada de Ferro, na rua Álvaro Soares, e o governo do Estado exigia a construção de um edifício próprio para a oficialização do curso ginásial. Os jovens, ainda meninos, saíram às ruas realizando uma campanha para a construção. Foi a campanha da doação de tijolos que deu origem à construção do “Estadão”, onde Baldy concluiu o ginásio. De Sorocaba, Baldy seguiu para São Paulo, rumo ao Liceu Rio Branco, para cursar o pré-jurídico e ingressar na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

(...)

Seu ingresso na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco foi marcante não somente por seu desempenho brilhante como aluno, mas por sua postura combatente. No segundo ano ganhou o concurso para ser orador do Centro Acadêmico XI de Agosto, fato raro e bastante relevante, pois concorriam habitualmente alunos dos anos finais. Foi o início da sua carreira como orador e como político, pois a faculdade era um foco de resistência à ditadura de Getúlio Vargas. Durante o curso de Direito, Baldy fora preso doze vezes pelos discursos que fizera. Recebera dois processos no Tribunal de Segurança, mas era inimputável criminalmente.

Em uma entrevista ao jornalista Bertoni Jr., transmitida pela Rádio Cruzeiro do Sul, em 1996, o professor Baldy relatou: “Quando terminou a faculdade, o curso, eu fui

ao professor Noé Azevedo, que era presidente da Ordem e professor de Direito Penal, e disse: eu tenho que requerer a minha inscrição na Ordem, mas eu tenho essa folha corrida policial e processual. Ele examinou. Virou-se para mim e disse: junte isso ao processo, que são títulos que vão valer para sempre. E está lá até hoje na OAB, essa série de prisões”.¹

Além de instituidor da Mantenedora e primeiro Diretor da Faculdade de Direito de Sorocaba, a “Nossa de Direito”,² nela foi professor em várias disciplinas, tendo sido, seguramente, mestre da grande maioria dos mais de quatro mil bacharéis formados pela Instituição ao longo de quatro décadas, até sua morte, em 12 de agosto de 1997. Como timoneiro firme e inteligente, manteve a direção segura da Instituição por mais de 40 anos, atravessando com destemor períodos sombrios como os anos da ditadura militar, cujas arbitrariedades denunciou corajosamente, inclusive num discurso que integra esta coletânea: “A ilegitimidade da Constituição de 1967”.

Além disso, Hélio Rosa Baldy, como brilhante advogado, político ímpoluto e ativo participante da vida social e cultural de Sorocaba e região, foi um cidadão completo, um exemplo para os jovens, um verdadeiro paradigma do bacharel que a FADI pretende formar.

Ao se aproximar a passagem dos cem anos de nascimento do saudoso mestre, que ocorreria em 2022, tive a felicidade de ver o Conselho da Fundação Educacional Sorocabana aprovar proposta de minha autoria para que lhe seja prestada a justa homenagem, a ser ainda materializada num busto, bem como na reedição deste *Em torno da Justiça e da História*, publicado pela primeira vez em 1997 pela Fundação Ubaldino do Amaral, que prontamente autorizou a reedição.

Por fim, presto o meu agradecimento ao Diretor da FADI, Dr. Gustavo dos Reis Gazzola, que abraçou entusiasticamente o projeto, viabilizou esta edição e ainda me honrou incumbindo-me de redigir este prefácio.

Como disse Mario Sergio Cortella sobre Mario Quintana, “morrer é ser esquecido”. Hélio Rosa Baldy se foi deste mundo, mas não morreu: permanece vivo na memória e no coração dos que o amaram e admiraram, assim como nos textos que compõem este livro.

Boa leitura!

Jorge Alberto de Oliveira Marum

Promotor de Justiça e professor da Faculdade de Direito de Sorocaba

¹ “Pilares da FADI são dois estrangeiros”, in: Revista Jurídica da Faculdade de Direito de Sorocaba, Ano III, n. 3 (2008), p. 239.

² Cf. José Aleixo Irmão, *A nossa de Direito*. Sorocaba: Ed. Fundação Ubaldino do Amaral, 1997, *passim*.